

Ceilândia vive em eterna corda bamba

A violência é o maior drama da população que praticamente foi abandonada

A Ceilândia fez aniversário sexta-feira, 16 anos. Apesar do pouco tempo de vida, seus problemas extrapolaram os limites do absurdo, obrigando os mais de 500 mil habitantes (a 14ª cidade mais populosa do País) a lutar pela sobrevivência, diariamente, enfrentando problemas que vão desde o constante vazamento dos esgotos, que provocam doenças, até os assaltos, estupros, tiros, facadas, falta de médicos, professores, escolas, policiais, casas, lazer (não há um cinema), enfim, de paz, tranquilidade, amor.

Não o amor dentro das famílias, este existe. Mas a sensação de abandono que insiste em pairar entre os ceilandenses. A Expansão do Setor O, onde às famílias, sem dúvida alguma, possuem o maior número de filhos por metro quadrado do Brasil, parece ser o retrato deste abandono: mas de 15 mil adolescentes e crianças estão fora da escola, à mercê da marginalidade que os ronda dia e noite, sem descanso. Lá, muitas mães solteiras aprenderam a pegar um facão ("peixeira") para defender os filhos dos constantes assaltos noturnos em casa.

Temos somente duas escolas, de 1ª a 4ª séries, onde caberiam, em tese, 900 alunos, dando 1 mil 800 no total. Isto em dois turnos, que seria o razoável. Além destas crianças não terem o atendimento da 5ª série em diante, são obrigadas a frequentar um terceiro turno, o chamado "turno da fome", ou então deslocam-se por três ou quatro quilômetros de distância, normalmente, para enfrentar outra coisa: a deficiência de carga horária nas aulas (duas horas e meia de aula por dia), e os marginais que os cercam no caminho. Sem falar no dinheiro que podem gastar, se preferirem ir de ônibus — relata Adalberto Duarte de Oliveira, diretor do Complexo Escolar C, ao qual as escolas do Setor estão ligadas.

Segundo ele, os jovens da Expansão carecem, ainda, do ensino Supletivo, escolas de 2º Grau, inclusive para os pais, que também gostariam de estudar. "A estrutura física de nossas 22 escolas (do Complexo) é a pior possível. Não há a mínima manutenção para o desgaste natural delas. As escolas estão totalmente destruídas, sem

contar que a rede elétrica expõe os alunos a riscos incríveis, pois com a falta de isolantes adequados as paredes são verdadeiras condutoras de energia elétrica. Temos o Centro de Ensino 10, que possui até curso noturno, que está com um bloco isolado, devido a este problema".

As paredes, janelas e portas também estão seriamente danificadas nestas escolas. As goteiras são uma constante e atrapalham os trabalhos dos professores e alunos. Para completar, as escolas são quase que diariamente invadidas por marginais, desocupados, que aterrorizam e roubam objetos dos alunos e funcionários. "Minha filha teme dos pés à cabeça cada vez que se fala em voltar a dar aulas na Expansão do Setor O. Ela está de licença médica, tomando remédios fortíssimos (tranquilizantes)", conta o pai de uma ex-professora do Complexo.

— Meu problema é este: Ninguém quer dar aulas na Expansão e todos pedem remoção das escolas da Ceilândia logo após começar a sentir o "clima" daqui. É difícil trabalhar com traficantes vendendo drogas aos alunos na porta das salas, roubando, estuprando, matando — revoltar-se o diretor do Complexo. No ano passado, o caso da menina Elaine, de 17 anos, morta a tiros na porta do Centro Educacional 2, comoveu a comunidade escolar que fez grande movimento por mais segurança nas escolas. Pouco adiantou. A Polícia Militar alega ter um efetivo ínfimo como principal motivo para não colocar soldados de plantão nas escolas.

Era preciso um trabalho conjunto de entidades como a LBA, Secretaria de Segurança, de Serviços Sociais, de Educação e da Cultura para organizar terapias ocupacionais aos desocupados e prepará-los como novos profissionais em áreas de carpintaria, serralheria, artesanato, agricultura, dentre outras. Há que se valorizar o ser humano e dignificá-lo, através de programas permanentes — opina Adalberto Oliveira. Ele cita os trabalhos que realiza em 14 escolas do Complexo C: "Temos hortas escolares que enriquecem as merendas e a mesa das famílias carentes. Trabalham tanto alunos como pais, além dos professores que têm tempo livre. É uma verdadeira

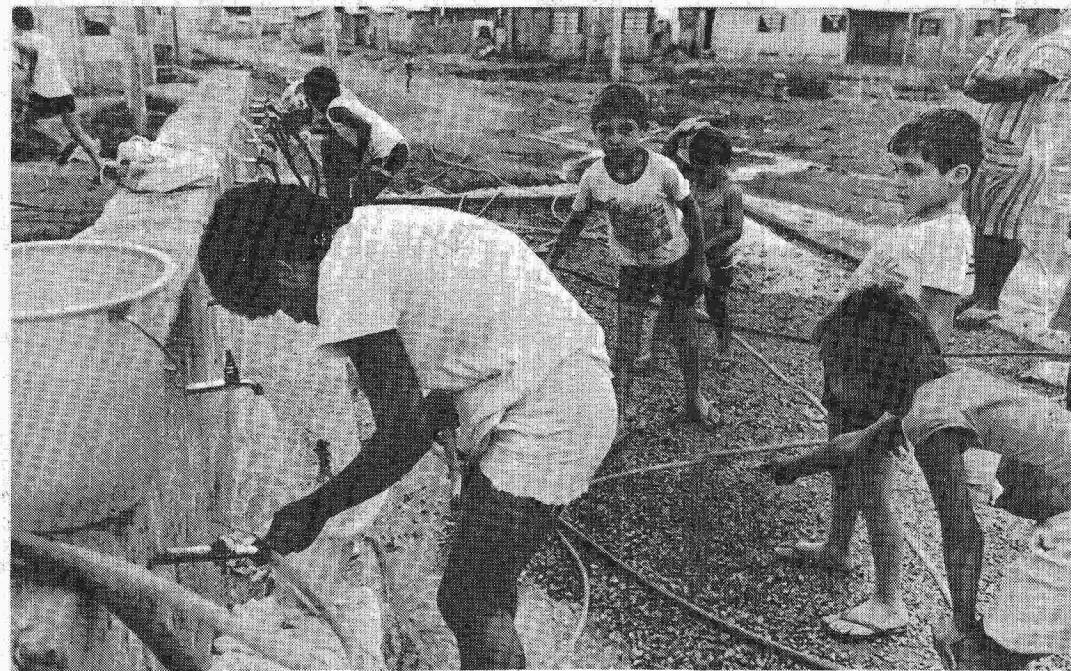
terapia para toda a família e um benefício para a comunidade".

MISÉRIA

— Aquele barzinho de cor azul ali é um verdadeiro prostíbulo. As mulheres passam o dia e a noite mexendo com nossos filhos, dando mau exemplo. De noite é uma barulheira só. A gente não dorme nem com o barulho nem com os "maloqueiros" (ladrões), que toda hora invadem a casa da gente — conta, indignada, uma moradora da Expansão do Setor O, que não quis ser identificada. Lá, os "maloqueiros" fazem a festa. Os estupros, assassinatos e roubos são uma constante. "Quando a gente toma coragem e vai na 15ª DP para denunciar, os policiais gozam da cara da gente e dizem que somos nós que estupramos os "maloqueiros". Não adianta nada", acrescenta outra mãe de família (quatro filhos).

Ela não trabalha, mas "tem um rapaz que me ajuda". Dois de seus filhos estão na Bahia, com a avó. "Lá é melhor". Ela não conseguiu vaga na escola para os outros dois, um de sete e outro de nove anos, ambos em idade escolar, portanto, com direito à escola gratuita obrigatória. "Tenho três irmãos que não conseguiram vagas. Minha mãe até brigou com a mulher da escola. Eu consegui uma vaga na Escola-Classe 33 (fica distante)", afirmou um pequeno vendedor de milho. Não se lembrou de quantos anos tem, quando perguntado.

— Deixa eu ver.. Ah! Fiz aniversário ontem... Tenho 14 anos — disse, mostrando que há muito (se é que um dia ganhou) não ganha presentes de aniversário ou festeja a data. Este é um pequeno quadro das condições de sobrevivência desta população. O abandono é total. "Esse esgoto aí está uma enxurrada há mais de um mês. Eles nunca vêm consertar", reclama outra mãe, cansada de ver os filhos brincando na lama suja, fétida, transmissora de tantos vermes e doenças. E, caso quisesse levar os pequenos para uma consulta médica, provavelmente não conseguiria marcá-la, pois não há médicos e nem equipamento hospitalar para atender toda a população, segundo admite a própria Administração Regional.



O chafariz da Vila do Mutirão: muita briga para se conseguir um pouco de água